



Expresso

27-04-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 131300

Temática: Saúde

Dimensão: 212

Imagem: S/Cor

Página (s): 32

O diretor de projetos do Instituto Marquês de Valle Flôr analisa São Tomé e Príncipe

Saúde para todos, um motor do desenvolvimento

Ahmed Zaky

Os dados recentemente revelados pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), no Relatório do Desenvolvimento Humano 2013, vêm confirmar que, relativamente a São Tomé e Príncipe, a cooperação para o desenvolvimento na área da saúde tem vindo a contribuir efetivamente para a melhoria de vida global dos são-tomenses nos últimos anos.

Os indicadores do relatório intitulado “A Ascensão do Sul: Progresso Humano num Mundo Diversificado” mostram que o valor do desenvolvimento são-tomense tem vindo a crescer desde 2005, quando era de 0,488, até 0,525, em 2012, um aumento de 8% alavancado pelo índice da saúde, mais elevado que a educação ou o rendimento *per capita*, nos números agora disponibilizados pelo PNUD.

Sabendo precisamente que os investimentos na saúde têm impacto direto no Índice de Desenvolvimento Humano de qualquer país,

e estando provado que mais investimento nesta área gera ainda crescimento económico, aumento do PIB e redução da desigualdade, o Instituto Marquês de Valle Flor (IMVF) iniciou há 25 anos, em São Tomé e Príncipe, o “Saúde para Todos”. O pioneirismo deste programa foi, inclusivamente, reconhecido pelo próprio PNUD, em 2011, como um exemplo de boas práticas em *capacity building*, resultados apresentados no 4.º Fórum de Alto Nível sobre Eficácia da Ajuda.

São Tomé e Príncipe destaca-se, atualmente, como um dos países da África subsaariana com indicadores superiores à média da região, sendo aqui reconhecidos os frutos dos projetos e da abordagem programática que tem sido levada a cabo pelo IMVF nas áreas da saúde, mas também da educação e da segurança alimentar.

Após 20 anos de intervenção, é notória a transformação de um Sistema Nacional de Saúde centralizado, disfuncional e ineficaz, para um sistema de prestação de cuidados de saúde preventivos, primários e especializados,

universal e funcional. Tais resultados só são possíveis de alcançar graças à estreita parceria com o Governo de São Tomé e Príncipe, a Cooperação Portuguesa, a Fundação Calouste Gulbenkian e com a Direção-Geral de Saúde e o extinto Alto Comissariado da Saúde, que co-financiaram o projeto e o reconheceram como sendo de interesse público, permitindo a participação dos hospitais públicos portugueses nas missões das especialidades médicas.

Realce ainda para a PT, que possibilitou um acesso mais alargado e regular às plataformas de telemedicina, ou para o espírito de cooperação e solidariedade internacional partilhado pelo grupo José de Mello Saúde, Clínica Santo António da Reboleira, Laboratório Roriz, Mota-Engil, Universidade Católica Portuguesa, Instituto de Higiene e Medicina Tropical ou Instituto Pedro Nunes — Coimbra, entidades indelevelmente associadas ao projeto “Saúde para Todos”.

Representando uma prática inovadora no desenvolvimento sanitário de um país africano de língua oficial portuguesa, da qual podem ser extraídas lições importantes na área da gestão e oferta diferenciada de serviços ao nível das unidades básicas de saúde, o programa “Saúde para Todos” poderá ser a chave da mudança dos sistemas de saúde, particularmente nos países onde a população é afetada, de forma mais severa, por barreiras no acesso aos cuidados, nomeadamente a exclusão social, a pobreza e o isolamento geográfico.